

BLECAUTE

Uma Revista de Literatura e Artes



DESCARTES GADELHA - JURAMENTO DE CANUDOS

Ano 2 - N°4- DEZ. 2009

BLECAUTE

Uma Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) - Ano 2 – N°4 – DEZ. 2009

ISSN: 2238-930X

Copyright © 2009, Blecaute: uma revista de Literatura e Artes • All Rights Reserved.

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição de Blecaute; Os textos ou fragmentos de textos, quando reproduzidos, devem ter suas referências (autoria e lugar de origem da obra) devidamente citadas, conforme preconiza a legislação vigente no Brasil acerca dos direitos autorais (Lei 9.610/98); As opiniões emitidas nos textos são de responsabilidade exclusiva dos autores; É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

Periodicidade: Trimestral

Capa: Descartes Gadelha – Juramento de Canudos. Fonte: Arquivo MAUC (Museu de Arte da UFC)

Editores:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

gaudencio_bruno@yahoo.com.br

Janailson Macêdo Luiz

janailsonmacedo@hotmail.com

João Matias de Oliveira Neto

j.matias@msn.com

800

R454

Revista Blecaute: uma revista de Literatura e Artes,
ano. 2, n. 4 (dez. 2009) – Campina Grande,
2009.

44 p.: il. color.

ISSN: 2238-930X

Editores: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio,
Janailson Macêdo Luiz, João Matias de Oliveira Neto.

1. Literatura. 2. Literatura – Ensaaios. 3.
Literatura - Contos. 4. Literatura – Poemas. I. Título.

21. ed. CDD

Blog:

www.revistablecaute.blogspot.com

Fale conosco:

revistablecaute@gmail.com

ÍNDICE

<i>EDITORIAL</i>	A Criatividade ou Entre a Luz e a Escuridão Os editores	5
<i>CONTO</i>	Senhora João Matias de Oliveira	8
<i>COLUNA</i>	Um Stendhaliano Franklin Jorge	11
<i>POEMAS</i>	Consagração, Aurora, Às Margens do Sanhauá e outros poemas Clarrissa Yemisi	13
<i>ENSAIO</i>	As “Cirandeiras” de Caiana dos Crioulos e a Arte de Reinventar a Vida Janailson Macêdo Luiz	19
<i>CONTO</i>	Reflexos Márcia Denser	26
<i>HUMOR</i>	Minto Valdênio Freitas	28
<i>POEMAS</i>	Sete Irmãs, Roseira, Invenção da Poesia e outros poemas José Inácio Vieira de Melo	30
<i>ESTANTE</i>	Demian – Hermann Hesse Leda Pinheiro	34
	O Cristal dos Verões – Sérgio de Castro Pinto André Ricardo Aguiar	35
<i>POEMAS</i>	A Ponte do Rio Imaginário (poemas) Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio	36
<i>CONTO</i>	Um toque na alma Lucianna Maria Barbosa Carneiro	38
<i>ENSAIO</i>	Rituais de Dessacralização Luis Henrique Cunha	39

A CRIATIVIDADE OU ENTRE A LUZ E A ESCURIDÃO

No último dia 02 de novembro, a Blecaute completou o seu primeiro ano de luminosidade no interior do apagão literário vivido pela nossa querida Paraíba. Apagão este que está prejudicando bastante a ampla proliferação da produção literária no Estado, para além de iniciativas limitadas, produzidas de modo independente por alguns poucos sujeitos, geralmente inclusos em pequenos círculos de intelectuais comprometidos e resistentes.

Não que estejamos na esteira da pretensão dos pensadores iluministas, que se proclamavam os responsáveis por trazer a luz do conhecimento para as plebes ignorantes e imersas na escuridão da estupidez. Não temos nada contra a escuridão, que com seus mistérios, encantos e perigos vêm inspirando e guiando as produções literárias e impulsionando as ações humanas nos últimos séculos. No entanto, do mesmo modo que a luz, quando intensa demais, ofusca todas as possibilidades e belezas do escuro; a escuridão, quando apresentada em excesso, esteriliza qualquer outra possibilidade de surgimento do diferente, de um outeiro primordial no cerne de um caos instaurado.

Nesta 4ª edição apresentamos os principais autores que, com criatividade e astúcia, sabem se colocar num espaço artisticamente privilegiado: o sinuoso contorno entre um pequeno e efêmero ponto de luz e a eterna e assombiante escuridão.

A cidade de João Pessoa pode ser considerada o principal lugar no qual os literatos paraibanos se organizaram de forma consistente através de círculos de intelectuais, compondo assim um “retiro de luz” em meio ao “breu da produção literária local”. Estes círculos literários podem ser compreendidos como espaços sociais onde estão situados os que produzem obras (como escritores, poetas, jornalistas, etc.) e os valores intrínsecos destas mesmas obras em relações recíprocas no transcurso de suas atividades. Ou seja, lugares de socialização formados por escritores envolvidos no processo de produção, divulgação, discussão e consumo de literatura e outras artes.

Neste sentido, na capital paraibana alguns círculos se destacam neste início de século XX. São eles: O suplemento *Correio das Artes* (do Jornal A União), a *Universidade Federal da Paraíba (UFPB)* e o *Clube do Conto de João Pessoa*. Nestes e outros lugares, direta ou indiretamente, vários nomes vêm se destacando, como Amador Ribeiro Neto, Rinaldo de Fernandes (Professores do curso de letras da UFPB), Ronaldo Monte, André Ricardo Aguiar, Dôra Limeira, Maria Valéria Rezende (membros ativos do Clube do Conto de João

Pessoa), Antonio Mariano, Linaldo Guedes, Arturo Gouveia, Marília Arnauld, Abrahão Costa Andrade, Vitória Lima, Geraldo Maciel, Águia Mendes, Astier Basílio, Lau Siqueira, Ed Porto, Hidelberto Barbosa Filho, Edônio Alves, W.J. Solha, Welligton Pereira (jornalistas, editores, poetas, ficcionistas e professores universitários que com certa regularidade publicam seus textos no Correio das Artes). Todos eles podem ser considerados escritores que, com muita criatividade e astúcia, estão sabendo se colocar num espaço artisticamente privilegiado, com destaque na produção literária brasileira contemporânea.

Muitos deles nasceram em outros estados do país e migraram para João Pessoa, como os paulistas: Amador Ribeiro Neto e Maria Valéria Rezende, o gaúcho Lau Siqueira, o maranhense Rinaldo de Fernandes e o alagoano Ronaldo Monte; todos intelectuais engajados, que juntamente com os valores locais, - jovens em sua maioria, como André Ricardo Aguiar, Antonio Mariano, Marília Arnauld, Linaldo Guedes e Astier Basílio - e somados aos medalhões da literatura paraibana, a exemplo de Sérgio de Castro Pinto, Carlos Romero, Gonzaga Rodrigues e Ascendino Leite, formam um conjunto estável de intelectuais dos mais brilhantes do país na atualidade.

Todavia, neste sinuoso contorno entre um pequeno e efêmero ponto de luz e a eterna e assombante escuridão, os outros municípios paraibanos vivem uma outra realidade literária. A escuridão reina solitária, com seus pequenos pontos de luzes efêmeras. Em Cajazeiras, por exemplo, podemos destacar a figura do poeta, contista e professor de literatura na UFCG Carlos Gildemar Pontes, autor de variado número de livros. Solitário, sua relação literária é muito mais próxima de sua terra natal, Fortaleza, do que da Paraíba, onde reside.

Com relação a Campina Grande, a segunda maior cidade do estado da Paraíba, as sombras quase prevalecem inteiramente. Escritores trabalham de forma quase ou totalmente independente, - com destaque para as poetas Samelly Xavier e Fidélia Cassandra, o crítico literário e professor de literatura na UFCG José Mário da Silva e o contista João Matias de Oliveira, autor de duas coletâneas no gênero, que juntamente com Bruno Gaudêncio e Janailson Macêdo, idealizaram e produzem esta distinta revista literária chamada Blecaute.

É neste sentido que a revista Blecaute pode ser considerada um espaço importante para a produção literária local, criada a partir da sensação de um “apagão literário” em Campina Grande, e até mesmo no estado, onde muitos autores possuem suas produções de qualidade, mas não têm a oportunidade de expressar sua capacidade inventiva e criativa.

Desta forma, nossa pretensão é aliarmos as forças produtoras das luzes literárias da Paraíba, que pouco a pouco se consolidam no cânone local, a exemplo dos literatos pessoenses, instigando o reacendimento das luzes de muitos dos chamados "autores de gaveta", escondidos nos mais recônditos e escuros lugares da Paraíba e do Brasil.

Sim, seguimos com nossa empreitada de revelar a olhos despídos dos classicismos literários canônicos a marginália da literatura de fundo de gaveta. E assim deixamos esta mensagem: mandem-nos textos de reconhecida qualidade aos vossos olhos! Indiquem-nos autores ainda não descobertos! Nossas chamas acesas gostariam de iluminar gavetas de autores jovens, médicos, advogados, cientistas, professores, alunos, estilistas, donas de casa etc. Somos uma revista que contempla a pluralidade, enxergando a literatura e a arte como uma expressão da realidade social vivida por cada um, antes mesmo de experiência estética e formalização da criatividade.

Assim, nossa criatividade e inventividade batem asas, nossas chamas bruxuleam e então fulguram-se na luta entre a claridade e a escuridão.

Os editores

*

NOTA DE ESCLARECIMENTO: Gostaríamos de pedir desculpas pelo atraso no lançamento da revista (de periodicidade trimestral), por ocasião de todos os editores da revista serem estudantes graduandos nos respectivos cursos e com expressiva produção acadêmica em suas áreas. Gostaríamos de dividir com nossos queridos leitores a alegria da aprovação de um destes editores nos cursos de Mestrado em História da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Federal de Campina Grande: Bruno Gaudêncio, razão pela qual em parte não houve como evitar o atraso da revista, programada para ser lançada inicialmente no dia 02 de Novembro de 2009.

| Conto

SENHORA

Por João Matias de Oliveira

O coração impenitente resvalou um pouco do pó do cachimbo em cima da neta mais nova. Senhora, lívida dos anos, minha mãe. Os cabelos já andrajosos poluíam seu rastro pela casa e pelo espaço-tempo no que passávamos em frente do quarto dela, com o tremor de pouca idade escalando a espinha e o bater de portas por toda a casa ressonando fantasmas. Tínhamos medo dela. Indiferente, empuxa sua cadeira com a ponta dos dedos, e solta um verbo de saudosa inovação.

“Temporificar”. Muitas palavras para pouca expressão estragam nosso romance tácito. Foi melhor que “temporificar” surgisse assim em meio de uma baforada no cachimbo. Assim, na manhã de sábado acordadamente espalhando a fumaça com baforadas de vento – que não fumávamos. Quente, a mãe passou a mão em mim e na neta. Uma depois outra, subvertendo a ordem de nascituro. De cima para o mais baixo e depois para o apenas baixo – primeiro a neta, depois filha. Acariciou-a no braço onde caíram cinzas do cachimbo, quase pedindo desculpas. Mas silenciou com novo trago da fumaça.

Nós lhe fizemos a pergunta. Até o presente, a mãe calava irrespondível.

- Afinal, senhora, de quem tu nasceu?

Nós tínhamos um medo, a figura que gerou, cresceu, educou – nós duas, viu netinha. Um poder e força que faziam o vento assobiar. Eu com dezesseis, ela com dois. A senhora sabe – e não se enraiveceu –, eu a tive com quatorze, com um garoto da esquina. Aquele de esquina: ele parado na esquina, todos os dias, morando e, pois, vivendo, de papelão e tudo. Esquina de todos os ventos.

A senhora se rearranja, estica as vértebras, cruza a perna direita sobre a esquerda e admira o céu azul da cadeira de balanço. Com a netinha babujando o colo, finjo que não serei igual a ela. Medo sim, mas ela não foi mal. Nunca. Verteu ombros largos para me pegar nos braços quando machucada, amarfanhou-me no colo sempre que carente. Será que nasce de árvore? Ela abraça a Terra inteira com dois braços e não diz de onde vem.

No colégio da neta falam de árvore genealógica: cadê a vovó? Nunca tive. Temporificar é perder no tempo? A avó dos cadernos de educação da neta nunca apareceu, não se ouviu falar. Eu mesmo caio morta, quando a conhecer, então recém-descoberta, recém-órfã. Mesmo assim, não a chamaria senhora. Essa, só uma, que não manda, se obedece. Fria, mas quente. Sim, senhora.

- Senhora, por que está aqui?

Senhora de escravos, senhora de pastores, senhora de empregados, senhora de animais, senhora do marido e dos filhos: as acepções que me faziam olhar para o cabelo branco, pintado com o tempo e deixados os fios ao largo dos cômodos de casa, enrolando, formando bolas, tracejados de labiríntica compreensão – desato impossível. Devoção a um minotauro tão assustador? A própria Ariadne de chifres.

Eu fui pegar-lhe um copo d'água quando ela tossiu sangue. E continuava fumando. Tuberculosa? Impressão minha. Sentada no chão da varanda, pude vê-la nas pernas descarnada e então subir o olho para o corpo deformado com que se entregava relaxada sobre banhas mal contidas e ossos pontiagudos. A única suspensão, além da cadeira de balanço, jazia no ar frio da manhã, com o qual redescobri, nas análises corpóreas da exígua paciência com que me mantinha ali, ser a mãe mais velha que as outras mães.

- Senhora, você não é mais velha que minha mãe deveria ser?

Sussurrado tranqüilo, pausado, quase um ressona de cão indolente no tapete da sala: dos vagidos do pulmão mal atravessados na garganta sua resposta foi algo parecida com o verbo proferido ao mesmo vão de varanda: temporificar. Meu medo de ser como ela.

O pai, aquele homem de cabelos grisalhos e pele chocha no porta-retratos da cômoda, sorria. Bem atrás de todas três, mãe, filha e neta, de dentro do quarto da velha mãe. Morreu na guerra, a de quarenta e cinco – isso dizia a mãe. Eu tão nova, menor que o carocinho de goiaba dentro da mãe que não me concebia senão pela conjunção amorosa do velho grisalho e sorridente com a diva da cadeira de balanço. Andava com um e outro, junto da carne e perto da alma. Esperava aquela encarnação dentro da caixa de sapato da qual a mãe sempre me dissera, um dia, virem os filhos, até o nascimento da neta, de dentro desta barriga aqui. Erro de endereço?

Eu queria ver a guerra, estar para torcer pelo pai matar cinco soldados a um tiro só e enfiar o cano da espingarda nos alemães. Sem nascer, esperando na caixa de sapato – como dizia a mãe – pude ver somente poucas coisas acontecerem no mundo já desgraçado pelo tempo, levando o pai que não conheci e a festa da guerra cujos medos e contorções vívidas

de torcida eu perdi. Brincando, o matou, disse. Como? Sei lá, deixando de lhe obedecer. Uns gritos no quarto dos fundos. Tudo na vida são ordens.

Escrava de mim: outro copo d'água para um regurgitar de sangue e catarro. Não dela, que não pede, não roga, nem fala. Sou escrava de mim porque antes de pedir eu já o sei. Atendo às necessidades e vigio minha própria atenção para o ínfimo indício de precisão da velha mãe. Meu medo a quer na mesma posição pelo resto dos anos, em um mesmo lugar e à mesma sorte de as tossidas sangrentas serem atendidas por mim e nenhuma outra. Jamais a neta, que cuida da vida própria, agora brincando no chão com as bolas de borracha compradas no mercado. De dois anos, fala tanto quanto a avó.

“Temporifique”, menina – repito de mim para ela.

O pai no porta-retratos nos vigiava, aos três únicos da casa, e a ele rezávamos súplicas de perdão por não sei que ocorrido. A morte fora um mistério, porém a mãe cachimbava suas dúvidas se não fora ela quem o matou. Matado ou não, vivo ainda morto. O pai nos sorri do centro da cômoda para cá, na varanda do quarto de mamãe. Essa senhora dos sentidos, escrava somente de Deus, nos educa e faz a circulação dos pêlos embolados andar pela casa como as veias salientes cuja sanguinolência revive uma casa morta. Claro, ali vivíamos, eu, ela e a neta. E só.

Um relógio que não conta minuto, eis a melhor definição para a senhora da casa suspensa no ar pela cadeira de balanço.

Ela não sabe de onde veio, não lembra de nada. Eu espero desses ressonos arfantes com que cada hausto de ar carrega um pouco das pregas da alma que consiga ela enfim libertar-se de escapadela. E para todos os efeitos ainda guardamos na primeira gaveta da cômoda um porta-retratos só seu. Para todos os efeitos ainda temos este relógio que não conta minutos nem história.

Viro o copo deixado perdido no meio da cerâmica de piso.

| Coluna

UM STENDHALIANO

Por Franklin Jorge

“Um stendhaliano” — na síntese de Antonio Carlos Villaça —, o escritor Ascendino Leite é autor de uma prosa rápida, leve, mas profunda. Nascido em Conceição do Piauí, em 1915, viveu a maior parte de sua longa existência no Rio de Janeiro, onde afirmou-se no jornalismo, sobretudo no articulismo político e no ensaísmo literário. Hoje, aos 93 anos, vive em João Pessoa, como sempre, dedicado às letras e ao convívio com os seus pares.

É, sem dúvida, o maior escritor brasileiro vivo da atualidade. Autor de ficção e poesia e de um “jornal literário” que não tem pressa de chegar ao fim, Ascendino vem consignando há setenta anos, em seu diuturnalismo literário, a vida cultural do país. Porém, mais que uma referência obrigatória para os estudiosos, o criador de uma monumental catedral de palavras repletas de sentido.

Paciente e observador, como se definiu certa vez, o paraibano Ascendino é um escritor sem a vocação do grande público. Não porque seja o autor de um texto hermético, de difícil compreensão pela maioria — absolutamente —, mas pela dificuldade que as editoras têm em lidar com autores que não fazem concessão ao gosto do leitor médio, que se recusa a pensar e espera do livro que seja um picadinho de lugares-comuns. Ascendino obriga-nos a pensar e a ler nas entrelinhas o sentido oculto das coisas.

Não admira que deplora o indivíduo conformado, dominado pela multidão, e desconfie dos poetas prolíficos, os que, não tendo sentimentos, apelam para o facilitário das palavras. Não é desses fazedores de livros, portanto, que procuram a quantidade, mas a qualidade que resulta de um contínuo e obstinado processo de depuração. Afinal, como nas essências, só o pouco compõe a raridade. E só a raridade, como sabemos, é exemplar.

Por isso mesmo pôde escrever em um dos seus diários: — “Raros os dias em que não me cercam os imbecis. A maioria, gerada pela política, me chega pelos jornais ou adentra a minha sala pela televisão. Avalanche mesmo é a dos embalados pela síndrome da poesia, os silogistas dos versos. Os maníacos da escritura poética. Esses, se eu fosse Deus, decidiria

que fariam melhor se fossem compor os anais do Purgatório, como prêmio às suas tolices poéticas...”

Nem sequer sabem ser fúteis, esses, que nunca conseguiram ser sérios e ajuizados alguma vez. Justamente o oposto de Ascendino, cujo arte literária delata a primazia do estilo que resulta não apenas da personalidade do autor, mas da meditação e do apuro espiritual, de infinitas leituras e, segundo a lição prodigada por Proust, da transcendência do real.

Machadiano em sua auto-ironia, claro e bem humorado como o humanista que é, fazendo-se entender por todos através duma prosa elegante e substantiva, feita na medida da contenção e da pertinência, Ascendino Leite é tudo o que ele próprio disse acerca de Musil – um escritor que, escrevendo, é como se estivesse a defender-se do seu próprio poder de avantajá-lo.

FRANKLIN JORGE (Rio Grande do Norte) - Escritor e Jornalista. Vencedor do Premio *Luis Camara Cascudo* em 1998 com o Livro: *Ficções Fricções Africções* (1997).

POEMAS DE CLARRISSA YEMISI

Consagração

No altar promíscuo da noite
ergue-se tinta
a hóstia
envergonhada

Do corpus triste
escorre
sal e gozo
em cálice de narciso

No dorso do espelho
o arrepio das águas.

Aurora

A luz pingava sobre as cabeças
rolava pelo rosto azul
quicava no colo até
borrar o peito e
untar o corpo inteiro.

Vinha agasalhar as cores frias
com a língua

E lambeu tudo,
mas tudo era figurino

sobre girassóis
de gelo.

Às margens do Sanhauá

A velha mão esquerda da cidade
Com os dedos macerados pelo rio
Não sente, em suas linhas, o assobio
De um trem que desafia a eternidade

Cavalga sobre os trilhos, muito lento
Sem perceber se está distante ou perto
Seguindo a exatidão de um rumo certo
A um'outra plataforma do relento

Em baforadas quentes de fumaça
Esvai-se a luz de um tempo, a juventude
E embora tudo o quanto é vivo mude
Há qualquer coisa ainda que não passa...

Na contramão do rio, o canoeiro
Após enrodilhar o seu anzol
Desliza sobre as águas em que o sol
De manhãzinha, vem beijar primeiro

As aves, na sangria do horizonte,
Que vai fechando o olho azul lazúli,
Extasiadas fazem que tremule
As suas asas brancas sobre o monte

Quais lápides de pedra, os casarões
Erguidos sobre o pó de seus senhores

Carregam o epitáfio dos amores
E os ecos de patéticas canções

Ao som dos madrigais e serenatas
Dançavam lábios, cordas, corações
Mas hoje, ao chacoalharem os vagões,
Ouvimos gargalharem as baratas!

Varandas neoclássicas roídas
Altar de moças puras – as mais belas
Engasgam-se de folhas amarelas
Que mais parecem cascas de ferida

Nas taças, refratada, a luz do vinho
Encandeava o azul das nobres raças
Mas, nesta noite, brinda, pelas praças,
Aos tragos da cachaça, alguém sozinho.

Ruína... sobrevives, inconsciente
O abraço do garrote é tua pena
Não sentes mais os dentes da gangrena
Roerem teu concreto e tua gente.

Eu venho, aqui, olhar a tua morte
Mas teu destino é estranho a nós, mortais:
Estar com a morte e não morrer jamais
Teus muros podres servem-lhe de forte

Em Tempo algum tu foste minha casa
Meus pés nunca pisaram teu sobrado
No entanto, tu te arrastas a meu lado
Inválida, qual pássaro sem asa

E eu amo o teu semblante entristecido
Teu hálito de amante, a tua paz
E o meu amor estúpido não faz
Nem mesmo para mim nenhum sentido

Mas quando a morte, enfim, mudar de idéia
E abocanhar teu último tijolo
Não regarei teu túmulo qual tolo
A lamentar a sorte de Pompéia...

Tu cantarás pra mim, cidade velha!
E sobre os espigões de João Pessoa
Ecoas, Parahyba que te escreves
Das Neves, Frederica, Filipéia...

Transfiguração

Não me venhas dizer que enlouqueci
De dedo em riste e farpas na garganta
Se o meu não ter nem ser Limite espanta
É que há cegos que só sentem a si

Se estou louca, que importa? Renasci!
Já fui Anjo, Princesa, já fui Santa
E fui a flor que às vezes o amor planta
Hoje espalho-me em cacos de rubi!

E de tanto ser Nomes eu sou Tudo
que diz o olho a espreitar por trás do escudo
- esta sombra em que esbarra a minha mão...

Mas se queres que eu seja um nome apenas
sou a que tu não vês e que condenas
por não teres na boca o coração!

Procissão de fé

Não sou profissional coisa nenhuma
A poesia, em mim, é um ritual
De gozo e sacrifício sem igual
Grito por fé, não por ofício, em suma.

Trago a palavra em mim qual marginal
Faço que corte, mate e me consuma
E busco, inutilmente, a que resuma
Uma qualquer Verdade, a bem ou mal

E se, num grande acaso, eu tropeçasse
Na tal Verdade em cor e carne viva
Nada mais eu diria a não ser “Passe...

...Que eu não quero cultuar nem Deus nem Diva
Quero, tão só, rasgar o teu disfarce
E, depois de te ver, que eu sobreviva!”

Às flores

A penumbra da noite agonizante
feito o vulto que encobre o rosto triste
pelo medo da morte, em vão, insiste
em pesar sobre o mar o último instante
mas se deixa vencer, não obstante
espalhar ao redor melancolia
e sangrar, como sempre acontecia

gotas mornas em tons alaranjados
salpicando-as em nós que ali, cansados
contemplamos, sem voz, a dor do dia.

Dor de mãe, dor de parto, de alegria
de se ver renascer o que era morto
não se sabe se é ruim ou reconforto
dar a vida ao que já não mais sofria
mas se a vida é bem quista, todavia
seja dura, penosa, amarga, louca
e estremece até mesmo a voz mais rouca
pelo instinto animal de permanência
é porque, contrariando a consciência
quer-se ter alegria, embora pouca.

Não importa se é simples ou barroca
desde que seja imensa, exagerada
mas se for rara, parca, quase nada
já não se há de dizer que a vida é oca..
mil palavras me vêm, agora, à boca
mas somente o silêncio tem razão
pois não traz, em essência, imperfeição
e nos faz perceber como é bastante
ver o parto do dia exuberante
para as flores.. não queira explicação.

| Ensaio

AS “CIRANDEIRAS” DE CAIANA DOS CRIoulos E A ARTE DE REINVENTAR A VIDA

Por Janailson Macêdo Luiz

Caiana dos Crioulos é uma comunidade localizada na zona rural do município de Alagoa Grande, Brejo da Paraíba. Constituída principalmente por pessoas negras, em junho de 2005 “Caiana” foi certificada, pela Fundação Cultural Palmares (FCP), como uma comunidade remanescente dos antigos quilombos¹ da época da escravidão.

Nos últimos anos, surgiram naquele local dois grupos de ciranda e coco de roda que vêm se destacando no cenário cultural paraibano². Estes grupos, formados principalmente por mulheres, estão ressignificando práticas locais, tais como as danças da ciranda e do coco de roda, no intuito da preservação de elementos culturais tradicionais de sua comunidade, que estariam “morrendo” ao dar lugar a manifestações pouco relacionadas à identidade tradicional de Caiana dos Crioulos.

Durante uma pesquisa com as componentes de um destes grupos, o “Grupo de Ciranda e Coco de Roda de Caiana dos Crioulos”, composto por pouco mais de vinte pessoas, observamos que algumas tradições e práticas culturais, como a própria arte de dançar a ciranda e o coco, estão sendo sutilmente reinventadas naquela comunidade. Além disso, o próprio dia-a-dia e as vidas destas personagens também estão passando por modificações tênues, que talvez não pudessem ser observadas por uma visão apressada, mas que estão servindo de base para suas constituições enquanto pessoas e para a tessitura do atual momento histórico que vive a sua comunidade.

É desse processo de múltiplas reinvenções que este ensaio se propõe a tratar. Antes, porém, devemos contextualizar o que são a ciranda e o coco de roda, bem como destacar um pouco da importância destas manifestações na história recente de Caiana dos Crioulos.

¹ De acordo com a FCP, órgão vinculado ao Ministério da Cultura, através do Decreto 4.887, de 20 de novembro de 2003, em seu artigo 2º, o conceito de remanescentes quilombolas faz referência aos: “grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra, relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”.

² Os dois grupos de “cirandeiras” foram formados a partir da separação de um grupo um pouco mais antigo, o “Grupo de Ciranda e Coco de Roda Margarida Maria Alves”.

O que são a ciranda e o coco de roda?

A ciranda e as diversas variações da dança do coco (entre elas o coco de roda) são manifestações culturais que no passado tiveram muito destaque no cotidiano brasileiro, sobretudo nos espaços rurais do que hoje constitui a região Nordeste. Hoje em dia, entretanto, estas manifestações vêm perdendo destaque e caindo em desuso em muitos locais, principalmente por causa das influências culturais urbanas e da falta de interesse das gerações mais jovens em prosseguir com as práticas realizadas pelos seus antepassados. Apesar desse quadro, ainda existem espaços onde é buscada a preservação da ciranda e dos cocos. São geralmente locais onde estas manifestações ainda fazem parte da rede simbólica que perpassa a identidade dos grupos, como no caso de Caiana dos Crioulos.

A ciranda e os “cocos”, que muitas vezes se confundem entre si, são muito mais do que danças e envolvem ritmo, ludicidade, poesia, representações dos sujeitos com relação ao mundo a sua volta e interação entre os dançantes e o coletivo. A ciranda é uma dança desenvolvida por mulheres, homens e crianças. Nesta forma de manifestação cultural os dançarinos formam uma grande roda e dão passos para fora e para dentro do círculo, ao som de uma música puxada pelo mestre-cirandeiro e respondida por todos os participantes. Um exemplo de ciranda é *A lavandeira*, cantada pelas “cirandeiras” de Caiana dos Crioulos:

A lavandeira que lavava minha roupa
Tá quase louca de me procurar
Ela lavava na palha da cana,
Da cana caiana do canaviá.
(CAIANA DOS CRIoulos, 2003).

Já o coco de roda é descrito como uma dança de roda ou de fileiras mistas onde há uma linha melódica cantada em solo pelo “tirador” ou “coquista”, com refrão respondido pelos dançadores (MENNA, 2008). Um exemplo de coco é *Rosa Roseira*, também cantado e dançado pelas “cirandeiras” de Caiana:

Ô rosa, roseira,
Ô rosa, resedá
Menina abra essa roda,
Que o coco vai começar
(CAIANA DOS CRIoulos, 2003).

Os estudiosos divergem com relação à origem dos cocos. Especula-se que o “coco” se originou de músicas de improviso entoadas durante a quebra dos “coco” pelos escravos.

Alguns afirmam que os “cocos” são de origem negra e têm as raízes fincadas em manifestações tradicionais praticadas no continente africano, enquanto que outros argumentam que os “cocos” têm origem na mistura de manifestações culturais trazidas pelos africanos com manifestações dos nativos locais. Além disso, existe ainda a versão mítica que atribuí a origem do “coco” ao quilombo dos Palmares. Seja qual for a hipótese correta, é sabido que os “cocos” tem fortes raízes na chamada cultura afro-brasileira e se proliferaram em regiões litorâneas e ligadas aos engenhos de cana-de-açúcar (locais onde se encontravam grande quantidades de escravos), como ocorre com a região de Caiana.

A ciranda e o coco no passado de Caiana dos Crioulos

No passado, segundo as integrantes do grupo de ciranda³, o momento de brincar⁴ ciranda e o coco de roda representava um dos poucos instantes de diversão dos moradores de Caiana dos Crioulos, numa época em que o “pessoal só se divertia, só de coco de roda”, segundo as palavras de Edite José da Silva, de 65 anos, coordenadora do grupo. Naquele contexto, os habitantes da comunidade de modo geral não tinham contato com meios de entretenimento como, por exemplo, a televisão e o rádio, tendo eles mesmos que criar formas de diversão, ou melhor, tendo eles mesmos que intensificar e manter formas de diversão de tempos ainda mais longínquos, como a brincadeira da ciranda e do coco de roda.

Estas manifestações costumavam ser praticadas conjuntamente a festejos e manifestações de tradição católica, como a festa dos santos (São João, Santo Antônio, etc) e as novenas. Nesse sentido, após as celebrações de cunho religioso, a mocidade e os mais velhos se uniam para brincar ciranda, coco de roda e outras brincadeiras, durando os festejos até o amanhecer, quando os participantes da roda recebiam o café do dono da casa, as vezes tomavam banho nos barreiros e, em seguida, dirigiam-se para os seus lares.

Outro ponto que intensificava a importância destas manifestações no passado recente da comunidade, era o fato dos jovens (principalmente as jovens) serem proibidas pelos pais de namorar; época que segundo Maria do Nascimento Oliveira (Luzia), de sessenta anos, “*o pai não deixava andar solto não*”. Assim, o momento de brincar ciranda e coco de roda, para

³ Apesar de dançarem a ciranda e o coco de roda, o grupo é conhecido como grupo de cirandeiras ou “a ciranda” pelos moradores de Caiana dos Crioulos e pelas suas próprias integrantes.

⁴ A ciranda e os “cocos” não são vistos apenas como danças, mas também como brincadeiras. Por isso que é comum ouvir nas falas dos praticantes que estes gostam de “brincar” ciranda ou coco de roda.

aqueles que os pais deixavam brincar, era dos poucos espaços em que os jovens podiam interagir entre si de forma mais intensa.

A partir da década de 1990 a ciranda e o coco de roda de Caiana dos Crioulos começaram a ser apresentados fora da comunidade, criando-se um grupo com vestimentas próprias e que passou a receber pequenos cachês para se apresentar⁵. No entanto, esse reconhecimento externo de manifestações típicas da cultura de Caiana dos Crioulos veio à tona, paradoxalmente, no mesmo período em que estas mesmas manifestações começavam a perder cada vez mais espaço no dia-a-dia da comunidade, passando a ser cada vez menos um elo de união entre as pessoas mais jovens.

A fala de Maria Nazaré Pereira dos Santos mostra um pouco da diferença entre a ciranda do passado e a ciranda da atualidade de Caiana dos Crioulos:

É, mai, mais pra trás, a ciranda, que nem diz a história, quandi, na época quando eu era mai jovem, a ciranda era muita gente, muita gente dançava, todo mundo dançava, era rapai, as vez menina, moçinha, as mulé, tudo gostava de dançar; e hoje em dia a ciranda o povo dança, mai num dança que nem dançava antigamente. Essas moças de hoje, os jovens de hoje num é chegado que nem na minha época pra traz não! Lá em João Maria, que a gente ia po, po, pelo lá pelo São João, Ave Maria, agente dançava a noite todinha, quando manhacia o dia, quando o dia ia clareando nói ia pro barreiro tomar o banho, né? [...]. (SANTOS, 2009)⁶.

Como pode ser percebido neste relato, a maior “liberdade” que os jovens têm hoje para namorar e a preferência de boa parte destes jovens por ritmos musicais que são símbolos da atual juventude paraibana, a exemplo do forró e do axé, fazem com que a ciranda e o coco de roda passem a ser praticados muito mais pelos adultos, haja vista que estas manifestações não cumprem hoje os mesmos papéis simbólicos e práticos que cumpriam no passado. Soma-se a isso o fato de boa parte dos praticantes mais velhos não ter mais interesse pela participação em rodas de ciranda e coco de roda, o que “Dona” Edite nos relatou em um de seus depoimentos:

antigamente, dançava muié, dançava menino, dançava rapaz, todo mundo brincava, e já hoje, é mai somente as pessoa adulto, faquentado⁷, essas moças de hoje num quere saber mais de cultura, só faquentado, chega nos canto, moça e rapaz tudo só quere é tiver de namorado, pruíqui pruí pruculá, aí é onde eu acho que a cultura tá morrendo, e até proprimente muito as muié mesmo hoje num quere mais brincar que nem a gente brincava antigamente [...]. (SILVA, 2009).

⁵ Grupo este que, após dissolvido, deu lugar aos dois existentes atualmente.

⁶ Transcrição *ipsis litteris* do que foi relatado.

⁷ Faquentado – contração da expressão “faz que nem o ditado”.

Assim, as mulheres adultas é que continuam com o costume de brincar ciranda e coco, pois o passado ainda vivem em suas mentes e serve como referência para suas aspirações para o futuro, existindo em sua memórias permanências de épocas que não existem mais, mas que deixaram marcas profundas nas suas existências e por isso, são lembradas nas atuais “brincadeiras”.

Reinventando a arte, a cultura, as tradições e a vida

No “Grupo de Ciranda e Coco de Roda de Caiana dos Crioulos”, a função que seria a do mestre cirandeiro e a do coquista, tradicionalmente compostas por um homem, é hoje desempenhada por uma mulher, a já citada “Dona” Edite, que também é a coordenadora geral do grupo e uma pessoa muito respeitada na região. Esta readaptação ocorre porque o antigo mestre cirandeiro da comunidade faleceu há alguns anos e, nas palavras da própria “Dona” Edite, elas não poderiam deixar a ciranda da comunidade “morrer” também.

O grupo apresenta uma forte característica política e educacional, no sentido de que é utilizado pelas suas integrantes para se contrapor a gradativa desvalorização pela qual vem passando a dança da ciranda e do coco em Caiana; e para ressaltar a importância do “resgate” destas manifestações, para que elas possam ser apreciadas e vivenciadas pelas gerações mais jovens. Por isso, o grupo não é só composto pelas senhoras mais velhas, mas também por meninas e meninos, e por jovens da comunidade.

Mas outras dimensões também influenciam nos objetivos do grupo, visto que ele representa para suas participantes um espaço de mudança nos seus cotidianos. Esta mudança ocorre em dois momentos: durante as brincadeiras na própria comunidade (dias de festa, datas religiosas e dias de novena); durante os dias de viagem, seja para cidades próximas, seja para outros estados. Deste modo, o grupo já foi se apresentar até mesmo em Brasília – DF.

Nesse sentido, as apresentações constantes do grupo tornam-se, para suas componentes, momentos de evasão e de contato com locais até então desconhecidos. Assim, as apresentações fora da comunidade permitem que estas mulheres dêem uma pausa nos seus trabalhos: na roça, em casa e/ou em empregos fora de casa; e possibilitam que pessoas que tiveram pouco acesso a educação escolar e aos direitos básicos dos cidadãos, possam também viajar, se aventurar e conhecer a Paraíba e o Brasil, além de terem, pelo menos por alguns momentos, “vez e voz”.

Assim, estas mulheres, que guardam entre si fortes laços de amizade, comadrio e parentesco, reinventam os seus cotidianos e fortalecem suas identidades étnico-raciais, religiosas, de gênero, espaciais, entre outras, e seus laços de sociabilidade por meio de suas participações no grupo. Ao viajar para se apresentar ou ao “brincar” ciranda e “coco” dentro da própria comunidade, elas evadem por algum tempo de boa parte das situações de dificuldade, físicas e emocionais, como doenças, decepções, desgostos, etc, e se religam a um passado que no dia-a-dia não pode (mais) ser sentido, mas que é recordado em suas práticas e memórias.

Assim, as “cirandeiras” de Caiana dos Crioulos passaram a ter destaque perante a sociedade em geral em uma nova fase da sua comunidade. Fase esta não só de ressignificação identitária, após o contato com o conceito de remanescentes quilombolas, mas de busca por direitos e reconhecimento. Estas mulheres se reapropriam da ciranda e do coco de roda (costumes tradicionais da sua comunidade) e os reinventam, reinventando também a si mesmas, aos seus cotidianos e ao lugar aonde habitam. Deste modo, a própria memória, o passado, os costumes e as práticas tradicionais de sua comunidade de origem passam a ser reapropriados e utilizados como elementos favoráveis, formas de conseguir destaque interna e externamente e, mais do que isso, de fortalecer certos laços de união frente aos problemas da vida.

Neste sentido, estas mulheres não estão simplesmente reproduzindo elementos culturais vindos “de fora”, ao introjetarem uma “identidade quilombola”, como algumas abordagens acadêmicas tendem a ressaltar, mas também se reinventando e mostrando uma nova face da sua comunidade, baseada nos costumes e práticas tradicionais do passado, mas com uma nova roupagem e novos sentidos. Ou seja, estas mulheres conseguiram, através de suas consciências culturais e de suas astúcias e artes de fazer, encontrar no atual contexto de valorização do multiculturalismo, da dita “cultura popular” e da chamada cultura afro-brasileira, uma brecha para modificar seus modos de viver.

Elas vêm lidando habilmente com a historicidade, não ficando nem presas ao passado, nem negligenciando os saberes dos míticos “tempos antigos”. Por meio de diversas astúcias, elas se apropriam do atual contexto como elemento propulsor, num jogo onde os elementos do referido contexto estão sendo utilizados para sanar problemas gerados por ele mesmo: se a ciranda está morrendo e perdendo força frente aos forrós eletrônicos propagados em toda a região, reinventar a ciranda passa a ser uma tática bastante pertinente; se reinventar a ciranda gera reconhecimento, cria um espaço onde o passado

pode ser lembrado e comemorado e dá “vez e voz”, então esta reinvenção passa a ser ainda mais reforçada; se a nova categoria de remanescentes quilombolas trouxe benefícios para sua comunidade, mas aumentou suas divisões internas, o que melhor do que utilizar os costumes tradicionais como, paradoxalmente, uma contraposição a esse processo?

No entanto, estas reapropriações não devem ser entendidas como atitudes meramente “aproveitadoras”, mas como verdadeiras reinvenções culturais, como respostas de pessoas que sabem do valor das suas culturas e não querem vê-las desaparecer, como tantas outras. Em resumo, respostas de mulheres que querem, elas mesmas, controlar o giro das suas danças, o ritmo da ciranda de suas vidas, os passos a seguir no caminho que vem adiante; passos dados sem esquecer os elementos do passado; passado que não deve, para elas, ser deixado para traz.

Referências e Fontes

- CAIANA DOS CRIoulos. **Ciranda coco de roda e outros cantos**. Manaus: Indústria da Amazônia Ltda, 2003. 1 CD.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Epraim Ferreira Alves. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MENNA, V. De onde vem o coco? **Nominuto.com**, Pernambuco, 17 set. 2007. Disponível em: <<http://www.nominuto.com/vida/cultura/>>. Acesso: 28 fev. 2008.
- OLIVEIRA, M. do N. **Maria do Nascimento Oliveira (Luzia)**: depoimento [jul. 2009]. Entrevistador: Janailson Macêdo Luiz. Campina Grande: UEPB, 2009. 1 CD.
- SANTOS, M. N. P. dos. **Maria Nazaré Pereira dos Santos**: depoimento [jul. 2009]. Entrevistador: Janailson Macêdo Luiz. Campina Grande: UEPB, 2009. 1 CD.
- SILVA, E. J. da. **Edite José da Silva**: 1º depoimento [jul. 2009]. Entrevistador: Janailson Macêdo Luiz. Campina Grande: UEPB, 2009. 1 CD.

| conto

REFLEXOS

Por Márcia Denser

Marco,

Hoje abri a janela para o domingo chuvoso e inerte. Entediada, liguei o computador onde uma jovem marquesa triste molhava a pena e começava uma carta:

“M,

Chove esta manhã. Não obstante o tempo, será impossível mandar selar Juno. Quando desci ao pequeno salão, fui informada por Artémise que Mme. Berthe mandara Lorin à Meséglise, de onde só retornará à noite. Creio não ser possível nos avistarmos no local combinado. Prevejo um serão melancólico com o senhor cura e M. de Charlus a jogar gamão e Berthe, minha carcereira, vigiando os postigos. Como sofro ao saber-te tão próximo e inatingível. Desgraçadamente, partiremos amanhã para Ostende. Estaremos separados durante todo o verão sem o derradeiro consolo de uma despedida. Nuvens carregadas me afligem com maus presságios todavia tu não mereces que te faças sofrer. Manda a razão dizer-te que estás livre mas meu coração é teu prisioneiro. Basta por ora, meu amigo, Berthe se aproxima...”

Marco, suponho que você saiba que a carta da marquesa é essencialmente igual à minha, embora também desta vez eu me escondesse por detrás do estilo rococó de espartilho e anquinhas, através do qual todo sentimento humano soa frívolo e melodramático. Como se a autora os ignorasse quando, no fundo, tem medo. Meus múltiplos disfarces já não te divertem mais. Aos reflexos do que não sou, você responde com suas próprias imagens deformadas.

Lembro do que disse naquele dia de fevereiro – lembro-me bem porque o sol fervia e Cortázar havia morrido – obrigando-me a ouvi-lo, a te encarar frente a frente: *Cortázar que vá para o inferno! Onde está você? Está aí, e me sinto só, entende? Sei que não estou sendo objetivo, mas veja: você está em cima, embaixo, atrás, na frente, mas não ao meu lado, ao meu lado nunca.* E seus punhos esmurravam as paredes quando era minha cabeça que você queria quebrar para enfiar um pouco do teu desespero lá dentro. Lá, onde se pressupõe que viva a compreensão, lá, onde mantenho aprisionada uma andorinha ferida embora ela se debata e bata e me atordoe e enlouqueça.

Não sou a marquesa encerrada em seu castelo pela governanta, o mau tempo ou um cavaliariço, nada impede que eu tire o carro da garagem, recapitule o itinerário, o traçado de ruas e avenidas que em quinze minutos me fariam estacionar em frente à tua casa, debaixo da árvore de flores amarelas cujo nome não sei, buzinar até que teu belo rosto jovem apareça no terraço, rever tua expressão de resignado desgosto, te presentir descendo as escadas com brusca lentidão a contragosto dos teus próprios passos que lentamente atravessariam o jardim, detendo-se do lado de dentro do portão com os antebraços apoiados na grade numa tentativa de sorriso que os lábios não obedeceriam. Trocaríamos cumprimentos à distância, talvez eu dissesse que passava por acaso ou talvez não dissesse nada; educadamente perguntaríamos pela família, pelo trabalho, pela saúde, pelos amigos, acrescentando comentários a respeito das próximas eleições, da catástrofe do México, do último filme e até da meteorologia, sempre tão incerta, aí talvez você arriscasse um elogio falsamente bem-humorado sobre meu corte de cabelo que eu retribuiria com um sorriso complacente (aquele que você detesta) acendendo um cigarro enquanto buscavas teu maço no bolso, retesando o frágil arco do silêncio até que presumivelmente eu o rompesse com um soluço, um palavrão ou uma súplica, cedendo ao impulso de estilhaçar este muro de vidro a que chamamos realidade e boas maneiras e tanta cordialidade, para, mais uma vez, encontrar do outro lado a máscara sem rosto da tua infinita, obstinada negação.

Levanto a cabeça e, debaixo das lágrimas, vejo a chuva, o domingo, as duas da tarde: não, não sou a marquesa, não me é permitido padecer de irrealidade. Mas continuarei tentando.

Saio e ligo o carro. A cena martela meu cérebro: teu belo rosto, o desgosto resignado, um ramo de flores amarelas, tuas pernas lentamente, a tua boca, a tua boca insuportavelmente formando palavras que você não quer dizer e eu não quero ouvir, e mais uma vez o silêncio das palavras não ditas, dos gestos desfeitos, o muro de vidro que um dia atravessarei quando abandonar a marquesa, o sorriso complacente, minhas medalhas de religião, uma cicatriz que deformou minha alma, minha inteligência, minha cultura, meu saldo bancário, meu prestígio, sobretudo meu prestígio, mas que importa tudo isso se conseguir atravessar os espelhos e passar para o outro lado, para dentro do teu abraço, finalmente libertando a andorinha.

| Humor

MINTO

Por Valdênio Freitas

E se o primeiro astronauta a pisar na lua fosse gago? Horas e horas de ensaio em frente ao espelho do banheiro, buscas detalhadas em grandes metáforas da literatura pra buscar originalidade. E eis aquela que seria a frase de grande magnitude na ocasião em que pusesse o pé na superfície lunar até que... No momento certo tudo emperrasse na voz. Desonestamente o astronauta nº2 tomaria a frente da situação e diria fluentemente a tão aguardada citação, enquanto nosso viajante espacial cacofônico ficaria paralisado perante seu obstáculo fonador.

Minto (1)

A mentira é uma invenção única e exclusivamente humana. Espantosamente humana. Os advogados seriam uma massa desempregada já que, teoricamente, sempre defendendo a verdade e a justiça (e prostituta cega) dependem de um modelamento de engana-ações para receber seu salário. A inverdade está para os advogados assim como a doença está para o médico. E para os médicos não existiria o efeito placebo sem a mentira já que este é uma fraude para enganar(adiar?) a morte quase certa de um paciente terminal. Aliás, a morte é uma verdade injusta que pensamos ser irreal até o ponto em que esta aproxima-se de nós.

E como diria Pablo Picasso “a arte é uma mentira que nos ajuda a compreender a verdade”. Podemos afirmar, com toda certeza, que o mentiroso é o grande artista desse contexto fraudulento já que ele subverte, subleva e contorce a verdade com fins de provar que sua realidade, que na verdade é uma mentira, é verídica e que o falso é um ponto de vista do verdadeiro. O mentiroso é nada mais que o surrealista verbal.

Minto de novo (2)

A propaganda é uma mentira subliminar. A opinião é uma mentira dependendo do ponto de vista, já que a verdade é um mero ponto de vista da poderosa mentira. A justiça infalível é uma mentira injusta de se dizer. O casamento perfeito é uma farsa até que alguém fale agora ou cale-se para sempre. A existência de deus é uma mentira que é impossível de se provar a verdade, e vice-versa. A vida após a morte, pra mim, é uma mentira até a hora da minha morte. Depois de morrer não tenho a mínima idéia se será verdade ou mentira. E nem quero saber muito cedo, pois morro de medo de morrer.

O silicone é uma mentira contra a gravidade. Lentes de contato coloridas são mentiras oculares. Nem olhar bem nos olhos é mais um meio eficaz de se obter a verdade: a maquiagem é uma mentira epidérmica. A cirurgia plástica também. O cidadão de bem é uma mentira de mau gosto. A hipocrisia é a encenação da mentira. A fome é uma mentira alimentada pra ser verdade. O discurso político é uma mentira eloqüente. Dizer que a bebida entra e a verdade sai é mentira, pois se fosse assim o mentiroso ébrio seria mudo. Enquanto a verdade é nua e crua, a mentira é cheia de fantasias, bem cozida e temperada. É mentira dizer que a mentira tem pernas curtas. A verdadeira mentira é uma bela mulher, de cabelos longos, com lindas pernas e um caudaloso corpo que tem um contagiante sorriso falso no rosto. Caso não fosse assim ninguém mentiria. A mentira é o estupro da verdade.

POEMAS DE JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO

SETE IRMÃS

Para Remedios Varo

Essas sete musas mal-assombradas
de cabeleiras ruivas, encardidas,
são santas de bocetas encarnadas,
trazem entre as mãos minhas sete vidas.

As cabeleiras ruivas dessas musas
são trepadeiras místicas em rito,
um anelo claro como um oráculo
a escalar as formas breves do mito.

São sete noites vividas por Borges,
são sete fadas da ilha de Lesbos,
são sete acordes de Joaquin Rodrigo,
são sete facas de Aderaldo, o Cego.

Ah minhas sete irmãs, filhas de Safo,
lamber vossos cus é meu paraíso!
A plenitude de vossas entranhas
é o aconchego destes meus delírios.

Sete musas grávidas, musas graves,
a gravidade não pesa no abrigo.
A minha voz é um caminho cego
como Borges, Aderaldo e Rodrigo.

Ah minhas sete irmãzinhas serenas,
vamos jogar enquanto há tabuleiro,
sete damas-rainhas, sete Helenas,
sou vosso servo, vosso cavaleiro.

Musas oblongas, ventres salientes,
em vossas carnes quentes eu reparo,
de fora a fora, com prazer e encanto,
as sete faces de Remedios Varo.

ROSEIRA

Quanto pode durar a planta breve?
Da pétala à cabeça – a extensão:
um verão de calipígias mulheres,
rosas rubras que despertam prazeres.

Espinhos, espalhadas folhas cantam,
cantam e atravessam, de ponta a ponta,
as pedras das linhas duras do sonho.
Dentro, as mulheres, rosas escandidas.

As mulheres respondem com o orvalho
e caminham, de saltos altos, por
cima e saltam, inocentes, a morte.

E recebem obeliscos linheiros
e cantam os gemidos espondeus
e florescem nas formas da beleza.

INVENÇÃO DA POESIA

Para Gerardo Mello Mourão

Pele vestida, distribuída e refeita,
parto para o princípio do labirinto.

Parto e principio o labirinto.
Na sua duração se abre o círculo
do espanto.
(Onde o centro? Que duração?).

Musa, teu vestido tem os novelos
da formosura!

O partir desenrola a ausência
e a pausa para o instante se cumpre.
De meu bergantim de ouro eu te informo
um sorriso.

Musa, é sempre a plena estrela
que tem a cauda dos rouxinóis
e que traz a curva da tua sombra.
Em teu ponto começa a extensão do mar,
e teu ponto guarda o profundo início.

E parto,
que a peripécia não é chegar,
que o coração só tem um fim:
ao som do coro das sereias
cantar o ciclo da origem.

CANIBAL

Bota a comida no fogo e deixe
que os aromas das carnes recendam,
deixe as carnes mugirem, balirem,
chiarem no delírio das brasas.
Que o cheiro das picanhas e dos pernis
despertem os rios de minha boca!
Bota logo a comida na mesa e deixe
que eu louve, no ritmo da arcada, as delícias das carnes.

E olharei em teus olhos e sentirei as tuas carnes,
as tuas carnes que vibram por meus caninos afiados.

ROSEIRAL

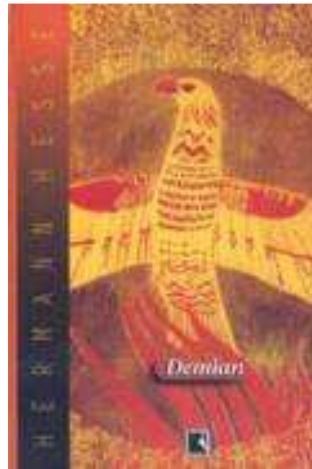
Este roseiral vem pelos ares.
Suas cores, nas tintas da chuva
e no canto dos raios solares.

Matizes da terra batizada
surgem nas rosas em carne viva,
como sangue, seiva, sêmen, lágrimas.

É, sim, o jardim da imensidão.
São tão magníficas suas flores
que o vermelho coroa a visão.

JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO (Alagoas/Bahia) - Poeta e Jornalista. Coordenador e curador de vários eventos literários na Bahia, como a Praça de Cordel e Poesia na 9ª Bienal do Livro da Bahia (2009). Publicou, entre outros, *A terceira romaria* (Salvador: Aboio Livre Edições, 2005) – Prêmio Capital Nacional de Literatura 2005, e *A infância do Centauro* (São Paulo: Escrituras Editora, 2007). Os poemas acima fazem parte do livro inédito *Roseiral*, um dos vencedores do prêmio da Fundação Pedro Calmon, da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, a ser publicado pela Escrituras Editora.

| Estante



HESSE, Hermann. **Demian**. 40. ed.
Rio de Janeiro: Record, 2009.

Poucas coisas têm a intensidade da força provocada pela descoberta de um homem. O desejo de mudar e reunir-se consigo supera quaisquer proporções e, nunca é possível saber onde esse processo termina, ou como. Quem quiser nascer tem que destruir um mundo”. É assim que se configura o processo de transformação sofrido por Sinclair que, acostumado ao mundo ordeiro de seus pais e avós, de repente se vê diante de imensas e distintas formas de vida. O dispositivo que dá início a tantas transformações é o encontro com Demian, um jovem distinto de tudo o que fora Sinclair em sua infância.

A convivência dos personagens delinea o percurso de todas as descobertas, gerando um paradigma sobre as relações da sociedade contemporânea, engendrando os seres de potencial elevado, capazes de ir a fundo em todas as possibilidades e os de espírito medíocre e apático. O romance trata do processo de apreender o espaço e compreender que é preciso ousar para ser. Não se trata, pois, apenas de um romance, mas de um ritual de iniciação filosófico e existencial de que todo homem é passível em sua personalidade e sua forma de configurar-se no mundo.

Na narrativa, surge o conceito do homem como, autonomamente, detentor de suas escolhas e da responsabilidade sobre sua existência, a imagem do homem como aquele que precisará descobrir-se sozinho: “um dia ou outro, todos tem de dar o passo que os separa de seus pais, de seus mestres. Cada um de nós precisa provar a aridez da solidão, embora a maioria dos homens mal a possa suportar”. Até que ponto estamos prontos para assumir total responsabilidade, de maneira consciente por nossas vidas? Será esta consciência algo possível a todos os homens? O livro de Hesse não inclui apenas o misticismo da vida e da cultura, que

embebem a rotina, como também traz em si conjunturas e convenções sociais. Sua temática passeia pelas possibilidades do mundo ideal e pela concretude do mundo real, assim como pela capacidade de cada homem, como ser independente, de praticar o bem ou o mal.

No ano de 1946, Hermann Hesse foi contemplado com o prêmio Nobel por *Demian*. Por muitos críticos e leitores esse livro é considerado como a obra prima deste autor. A influência clara do texto transita entre tratados filosóficos existenciais baseados em Nietzsche, psicanálise e ética. A narrativa, que apresenta experiências capazes de transformar a vida de um homem, mostra-se profundamente próxima, passível ao contato com o leitor que não sai ileso ao que lê. Sem tornar-se difícil ou abusivo, o texto discorre as fragilidades morais, familiares e de organização do Estado, sob a ótica de dois homens tão distintos.

LEDA PINHEIRO (CEARÁ) - Psicóloga. Edita o blog: <http://devezemunca.wordpress.com/>



PINTO, Sérgio de Castro. **O Cristal dos Verões**.
São Paulo: Escrituras, 2007.

Os poemas de um dos mais criativos autores paraibanos. São ostras de imagens que tecem as mais inovadoras relações entre as coisas e o mundo. Ler Sérgio de Castro Pinto é um deleite estético para o intelecto e a sensibilidade.

ANDRÉ RICARDO AGUIAR (Paraíba) - Poeta e Contista. Mantém o blog: <http://narizdepinoquio.blogspot.com/>

POEMAS DE BRUNO GAUDÊNCIO

*

A PONTE DO RIO IMAGINÁRIO - POEMAS

I. NOS LÁBIOS DOS GUARDA CHUVAS

dias chuvosos virão
e a poesia em trovoadas
deixará lembranças
de águas e beijos
nos lábios dos guardas chuvas.

II. AS PEDRAS TAMBÉM MORREM AFOGADAS

nas margens dos olhos sinto um rio
que fundo navega
submersas pontes estreitas
de pálpebras (di)versas.

Bebo as pedras
que morrem afagadas
nas pupilas dos meus sonhos.

III. AMANTES DAS MARGENS

A Liélia Oliveira

As luas paqueram
com os rios
e as pontes enciumadas
alargam-se atrozes
no caís das sombras.

Pobres pontes!

penteadam os cabelos dos rios na seca
sem beijar a pele das águas longínquas

apenas sendo amantes das margens.

IV. O RIO A NAMORAR COM O INVERNO

O rio brinca de mar
quando cheio
e chora quando
a seca chega
o rio brinca de mar
porque foi ingênuo
a namorar
com o inverno.

V. PÊLOS DA TERRA

Os olhos das pedras
observam as chuvas
com seus pequeninos pinguinhos
que caem assustados
nos pêlos da terra.
molhando suas peles
obliquas.

VI. METÁFORA DO RIO

Há uma margem de homem
Em cada rio.
Há uma margem de rio
Em cada homem.

| Conto

UM TOQUE NA ALMA

Por Lucianna Maria Barbosa Carneiro

A porta da frente se abre, do quintal entram raios de sol que iluminam o ambiente e ao poucos me permitem contemplá-lo. Por uns instantes, meio perplexa paro, vejo o chão de terra batida, paredes de tijolos sem reboco, um fogão, tambores e uma cadeira de balanço... fui adentrando e logo percebi uma cortina de pano, que era tudo o que me separava do paciente “Sr. João”, 98 anos de puro saber.

Atrás da cortina, escuridão... um pequeno cômodo, uma cama, um tapete ao pé da mesma feito de papelão e algumas roupas guardadas numa caixa. Mais do que as acomodações, me chamou a atenção aquele Senhor: moreno, cabelos brancos, sorriso largo, olhar franco que quando me viu foi dizendo: “- Dona, eu não tenho como pagar a Senhora”; sorri, apresentei-me e respondi que ele não precisava pagar. Segui categoricamente com o meu interrogatório clínico, que aprendi nos bancos das universidades e na residência médica, realizei o exame físico, sem dar muita chance a Sr. João de me interromper, pois precisava fechar um diagnóstico! Afinal foi prá isso que me formei!

Sr. João me fala: “- Dona, eu sou muito paciente, a vida me ensinou que a paciência é o fogo que alimenta a nossa resistência e é por isso que hoje a Senhora está aqui, porque tive que esperar 98 anos para um Doutor vim na minha casa me vê”.

Sem graça olhei para o Sr. João agradei e sorri; ele naquele momento ensinou-me mais que todos os livros e tempo de academia, mostrou-me que talvez um médico precise ser paciente e esperar, quem sabe 98 anos (!), para aí sim, aprender, com seu paciente, aquilo que os bancos e livros não são capazes de ensinar.

Sr. João, perguntou-me: “- Dona, posso beijar sua mão?”... Naquele momento ele beijava minha alma.

| Ensaio

RITUAIS DE DESSACRALIZAÇÃO

O vermelho das hóstias brancas, segundo livro de contos de João Matias de Oliveira, despreza os relatos de redenção e convida o leitor a refletir sobre a moralidade de personagens que lutam contra a pureza

Por Luis Henrique Cunha

Em “Pureza e perigo”, a antropóloga inglesa Mary Douglas defende a tese de que, entre diferentes povos, os rituais de purificação – associados a formas de classificação que ordenam simbolicamente o mundo social e as relações dos seres humanos com a natureza – constituem a esfera do sagrado, responsável por inculcar em nós um sentimento de conforto e segurança. As profanações à sacralidade são vivenciadas, assim, como ameaças severas; fontes de desorientação e de perigo iminente. Profano é justamente aquele lugar não purificado, ou seja, não submetido aos nossos esforços coletivos de ordenar o mundo e dar-lhe coerência. Em seu segundo livro de contos, o escritor cearense (radicado em Campina Grande) João Matias de Oliveira subverte desde o início as expectativas do leitor e no lugar de oferecer relatos de redenção, em que os personagens vivenciam seus ritos particulares de purificação, sendo, portanto, incorporados ao mundo (ou, em outros termos, reconhecidos), nos desafia com histórias sobre a dessacralização e a moralidade que ela possa conter.

O título, enganadoramente lírico, “O vermelho das hóstias brancas” (2009), já nos alerta que estamos sendo convidados a experimentar rituais de dessacralização. Não se trata, no entanto, de um livro sobre a religiosidade ou uma crítica à religião (ainda que a temática apareça em muitos dos contos). Não é, sequer, o exercício de um escritor iconoclasta, interessado em desconstruir os mitos, ironizá-los, invertê-los. A familiaridade do escritor com a literatura sociológica e antropológica deve, certamente, ter contribuído para que evitasse trilhar por estes caminhos fáceis. Mas é do ponto de vista rigorosamente literário que ele empreende sua investigação sobre a moralidade de personagens que investem contra a pureza, que maculam de vermelho nossas expectativas de ordem.

No conto que abre “O vermelho das hóstias brancas”, um condenado à pena de morte passa pelos “Ritos finais”. O primeiro parágrafo do conto (e do livro) dá o tom do que virá a seguir:

Sabe a condenada os tormentos do condenado. Lentamente molha os dedos na vasilha de água benta, esparge as gotas sobre ele, deixa escapar em cada gota a sujeira escondida sob as unhas de cada dedo. Puritana e enfermeira, cheia dos santos, pés de igreja, crucifixos, água sagrada. Os últimos micróbios cristãos na ante-sala da morte.

O ritual por excelência da purificação – por intermédio da água benta, sagrada – maculado pelas impurezas reveladas na mirada microscópica. Num nível de leitura mais profundo, purificar e tornar impuro não são duas coisas diferentes. Mas parte de um mesmo processo. Não são forças concorrentes. São a mesma coisa. Por outro lado, há a presença da morte, próxima, palpável, quase material, corporificada. Desde o início, portanto, e sem maior preparação do leitor, os temas que serão desenvolvidos ao longo do livro se apresentam de maneira clara.

O condenado à morte é tetraplégico e sabe-se que é um homicida, mas não se oferece muitos detalhes sobre o crime. Cometeu “pecado bruto”, é um “monstro de homem”. Juvenal (o condenado) matou um grupo de seminaristas em um ônibus jogado do alto de uma montanha. Nada sobre motivações.

As gotas da água benta caem-lhe pelo rosto, passam pelos olhos, misturam-se na profanação da víscera. A moça era a enfermeira que lhe cuidava na jaula imunda de três metros por quatro. Nada além da cadeira declinada, a tevê, a penteadeira, o crucifixo na parede.

A enfermeira-puritana (ou mais puritana que enfermeira) luta contra todas as impurezas que insistem em inundar o ambiente: a mosca, o suor, o cabelo desgrenhado e sujo e, finalmente, o gozo. Poderia ser uma história de amor e redenção. Mas não é, como logo perceberão os leitores.

Depois de “Ritos finais”, outros doze contos se sucedem. Em “Dádiva”, um soldado lida com uma ocupação de coelhos em pleno deserto, durante a guerra do golfo. Há um ritual de transubstanciação, completamente inesperado. A curiosidade algo mórbida de uma filha, em “Membro fantasma”. “A dedo” parece realista e triste, até que as expectativas do leitor sejam completamente subvertidas ao final. Fetiches sexuais com um Jesus-mendigo em “Via crucis”. Conversas filosóficas entre personagens com visões de mundo opostas dão o tom de “As formigas” e “Ibrahim”.

“O homem por trás dos óculos e do bigode” é um conto sobre seres insondáveis e expectativas frustradas. A descrição física de um dos personagens dá a indicação da desorganização de sua personalidade, como se a aparência material refletisse ruídos espirituais:

Foi em uma quarta-feira de cinzas. Estava Brígida da Paixão andando nos terminais de ônibus de Campina Grande quando deparou com a primeira epifania de sua vida: ele, em paletó e gravatas cinza e preto, misto de deputado, focinho de senador, arcada dentária de empresário. Um bigode relvoso cobria-lhe os lábios finos. Óculos negavam-lhe os olhos claros sob o rosto burocrático.

Duas percepções podem ser evocadas de sua descrição física: há um homem que não pode ser claramente definido, enquadrado; e este homem é todo ocultar-se. Quem é o homem por trás dos óculos e do bigode? A resposta a esta pergunta movimenta o conto e se desdobra em novas ocultações.

Há em “Sangra-hóstias” segredos de alcova, visões erótico-religiosas, transe místicos. É um conto complexo, cheio de beleza literária e de ardor sexual. Algumas das melhores imagens do livro estão aí incluídas:

Reza que não me agüento com esses seios saltando sobre o véu branco da pseudo-pseudo-pseudo-pureza, as coxas luminosas, de alvas, esperando o passeio matinal dos dez meninos brincantes, cinco em cada mão.

...

À hora da hóstia devo chamar-te a atenção. Morderei os lábios até dar o sangue que quero subtrair em mim agora. Você terá que olhar pra mim. Terá que viver em mim toda a dor do sangue me cobrindo a boca e dizendo viva, viva, viva. Carne viva!

...

A benção?! Ora a benção quando se vê o diabo vivo correndo solto, alegre em calcinha sem sutiã. Não era você. Era dentro de mim.

É o conto chave do ponto de vista da fixação metafórica do autor. Vermelho, sangue, sexo versus branco, puro, elevação. Imagens recorrentes em todos os contos aparecem como que concentradas nesse texto. Alguns podem achá-lo blasfemo, mas acredito que é na verdade o mais casto. Um ritual de dessacralização que acaba por constituir um novo sagrado.

“Linhas tortas” tem um cego que reside numa cova, mas que busca esclarecimento. “Senhora” reflete sobre o tempo e sobre as relações entre diferentes gerações de mulheres. “Verde” é uma história mítica que transcorre na caatinga. As reminiscências são a matéria-prima de “Minotauro sem labirinto”.

Há personagens puros, inocentes e há personagens transgressores, poluídos. E há o embate entre esses dois pólos em boa parte dos contos. Mas não são opostos. Os dois lados podem ser intercambiáveis, penetrados, fundidos, transformados. A morte aparece no mais das vezes como força alquímica, capaz de transformar matéria e espírito. E as oposições entre vermelho e branco vão construindo um universo sensorial saturado.

Destino e Liberdade

O conto “As formigas”, em muitos sentidos, sintetiza as preocupações do autor, suas fixações e é um bom indicador do caráter moral dos rituais de dessacralização. Nele, há dois níveis interconectados: um humano e outro natural. Nos dois casos, operam as forças da dessacralização. As formigas, obviamente vermelhas, desorganizam a mata, recortando-a em pedaços de folha. No nível humano, a violação da cova de um recém-nascido é o ponto de partida da revelação de práticas consideradas impuras. Nos dois casos, o que é percebido como uno é forçado a se multiplicar. Multiplicação que se dá pelo ato da vontade (de formigas e humanos) e não pelo acaso ou pela ação de forças impessoais. O desfecho do conto (melhor não adiantar, para não diluir seu impacto) oferece algum conforto, mas não se pode dizer que esse conforto vem da redenção, muito pelo contrário.

Há duas linhas principais para interpretamos a moralidade que guia personagens fixados em tornar impuro o que a tanto custo foi purificado por outros:

O reconhecimento do destino como força desarticuladora. “Eu não vejo nada, também não prego nada”, diz um dos personagens. Ou ainda outro: “E por que um mundo para fora de si? Por que relegadas a voar sem rumo, desnorteadas do vento, passíveis de confundir flor com pata de gato, água com veneno? Procurar o que, a quem e onde?”

A resistência como forma de liberdade. Diz um personagem, como se falasse diretamente a cada um de nós: “Levanta se há raízes, voa se tem asas, nunca jamais vi, por mais que sussurrasse ao pé de cada, uma de vós levantar. Por que sempre cativas? Por que assim plantadas, obscuramente plantadas para dentro de si?” Ou ainda, numa outra passagem do livro: “o corpo é preso, mas a alma flui”.

Quais os dilemas morais dos rituais de dessacralização? De um lado, a incapacidade de ser mobilizado pelos efeitos organizadores dos rituais de purificação. Se não posso ver a ordem do mundo, não preciso estar comprometido com ela. Se o mundo é dentro de nós, não preciso investir no que está fora. Aceitar o destino é recusar comprometer-se. De outro lado, dessacralizar é resistir, é propor outras possibilidades de vida. Os girassóis devem andar,

não aceitar a ordem que lhes mantêm cativos. É também uma luta do espírito, fluído, contra a matéria, que aprisiona.

A força da sugestão

Do ponto de vista narrativo, chama a atenção principalmente a capacidade de sugestão exercitada por João Matias de Oliveira. “O vermelho das hóstias brancas” é um livro que se insinua, mas que resiste em revelar-se de uma vez, por inteiro. O autor busca criar climas com poucas palavras, ou pela negação das palavras. Em cada palavra dita, há outra palavra negada. Seus personagens interagem em situações limites, definitivas, mas muito mais sentimos isso do que sabemos racionalmente. Há sempre uma tentativa de desorientar o leitor. A leitura da obra é, assim, também um ritual contra o sagrado. O sagrado como aquele lugar de conforto, de segurança.

“O vermelho das hóstias brancas” é o livro de um autor em processo de amadurecimento, que demonstra grande potencial, mas que também apresenta algumas fragilidades. A unidade (e relevância) temática e a diversidade de formas narrativas chamam a atenção para as inegáveis qualidades do livro. Mas o uso da linguagem, em alguns momentos, distancia o leitor e, me parece, pode ser um entrave à recepção do livro entre os mais jovens. Apesar de ter apenas 23 anos, João Matias de Oliveira escreve muitas vezes como um venerável senhor. Não exercita a fala da sua geração, não explora suas qualidades expressivas, fazendo com que o narrador, em suas múltiplas facetas, pareça antiquado e até mesmo artificial.

A literatura de João Matias de Oliveira tenta agarrar temas universais, ainda que esses temas possam ser clivados pelas experiências históricas de personagens "reais" em vidas que parecem irreais. A intenção do autor parece ser a de trabalhar nas fronteiras entre realidade e fantasia, embaralhando esses dois universos, numa chave que desloca o misticismo para sua materialidade. Eventos trágicos da vida cotidiana são reelaborados para que se enfatize os aspectos míticos e místicos. Se o livro pode parecer a alguns como anti-religioso, não é certamente anti-religioso no sentido panfletário. Ao mesmo tempo que fragmenta a experiência religiosa, acaba por revelar formas mais materiais de transcendência. Se não temos aqui redenção, há a literatura e sua capacidade de nos fazer refletir.

